

A narrativa na construção da memória do corpo negro

Nathália Pedrozo Gomes¹

Daniele Caron²

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i29.67221>

Resumo: As práticas, corporeidades e a luta pelo direito à terra nos quilombos urbanos de Porto Alegre/RS têm a mulher negra como figura central. Diante desse contexto, este artigo reflete sobre as lutas conduzidas por estas mulheres, que, conectadas por uma rede aquilombada, emergem nesses territórios por meio de ações de resistência que desafiam o modelo hegemônico de produção da cidade, estruturado a partir da cor da pele e da valorização da terra privada. A partir da vivência com o Quilombo dos Flores, em Porto Alegre, buscamos refletir como essas práticas afirmam uma produção de espaço urbano quilombola que confronta esse padrão. Para tal, adotamos a narrativa como abordagem teórico-metodológica, a fim de incorporar a linguagem da oralitura, expressa no corpo e na voz, como teoria de luta dessas mulheres. Durante o percurso, observamos que a luta do quilombo urbano é fundamentada pelo direito à terra ancestral, mas também pela prática de cuidado coletivo acionada cotidianamente pelas mulheres negras, aqui compreendidas como *iyálodès*. São elas que atuam como elos de força ao sustentar uma rede de resistência mobilizada contra o racismo institucional, ao mesmo tempo em que promovem articulações comunitárias no bairro, rompendo com a visão do quilombo urbano como território isolado. Eles transcendem os limites impostos pelo padrão de cidade racista como uma rede de liberdade e luta, sustentada e interligada por estas protagonistas.

Palavras-chave: mulher negra; narrativa; quilombo urbano; *iyálodès*; Quilombo dos Flores.

Narrative in the construction of Black Body Memory

Abstract: The practices, corporealities, and the struggle for land rights in the urban quilombos of Porto Alegre/RS have Black women as central figures. In this context, this article reflects on the struggles led by Black women, who, connected through an aquilombamento network, emerge in these territories through acts of resistance. These actions challenge the hegemonic model of urban production, structured around skin color and the valorization of private land. Drawing from experiences with the Quilombo dos Flores in Porto Alegre, we seek to reflect on how these practices affirm a quilombola mode of urban space production that confronts this pattern. For this, we adopt narrative as a theoretical-methodological approach, to incorporate the language of orality, expressed through body and voice, as a theory of struggle for these women. Throughout this process, we observe that the struggle of the urban

¹ Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: nathipgo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1472-2117>.

² Doutora em Urbanismo pela Universitat Politècnica de Catalunya (UPC). Docente da Faculdade de Arquitetura e do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: daniele.caron@ufrgs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6546-6579>.

quilombo is grounded in the right to ancestral land, but also in the practice of collective care, led by Black women. These women act as bonds of strength that sustain a resistance network, mobilized against institutional racism at the same time as they promote community-based articulations in the neighborhood, breaking with the perception of the urban quilombo as an isolated territory. They transcend the limits imposed by the racist urban model as a network of freedom and resistance, sustained and interconnected by their leadership.

Keywords: black woman; narrative; urban quilombo; *iyálodès*; Quilombo dos Flores.

La narrativa en la construcción de la memoria del cuerpo negro

Resumen: Las prácticas, corporalidades y la lucha por el derecho a la tierra en los quilombos urbanos de Porto Alegre/RS tienen a la mujer negra como figura central. Ante este contexto, este artículo reflexiona sobre las luchas lideradas por estas mujeres, quienes, conectadas a través de una red aquilombada, emergen en estos territorios mediante acciones de resistencia que desafían el modelo hegemónico de producción de la ciudad, estructurado a partir del color de piel y la valorización de la tierra privada. A partir de la experiencia con el Quilombo dos Flores, en Porto Alegre, buscamos reflexionar sobre cómo estas prácticas afirman una producción del espacio urbano quilombola que confronta este patrón. Para ello, adoptamos la narrativa como enfoque teórico-metodológico, con la intención de incorporar el lenguaje de la oralitura, expresado en el cuerpo y la voz, como teoría de lucha de estas mujeres. A lo largo del recorrido, observamos que la lucha del quilombo urbano se fundamenta en el derecho a la tierra ancestral, pero también en la práctica del cuidado colectivo accionada por las mujeres negras, aquí comprendidas como *iyálodès*. Son ellas que actúan como vínculos de fuerza que sostienen una red de resistencia movilizada contra el racismo institucional, al mismo tiempo que promueven articulaciones comunitarias en el barrio, rompiendo con la visión del quilombo urbano como un territorio aislado. Trascienden los límites impuestos por el modelo de ciudad racista como una red de libertad y lucha, sostenida e interconectada por estas protagonistas.

Palabras clave: mujer negra; narrativa; quilombo urbano; *iyálodès*; Quilombo dos Flores.

A narrativa na construção da memória do corpo negro

Introdução

A presença dos quilombos no meio urbano, marcada pelos corpos negros que os constituem, interpela o modelo hegemônico de produção da cidade. Esse modelo, sustentado por um sistema de poder que opera a partir de padrões racistas, capitalistas e individualistas, impõe normas que regulam aspectos político-sociais,

impactando diretamente as práticas culturais e religiosas de grupos que não se alinham ao padrão estabelecido. Mas de que maneira esses corpos seguem subvertendo essas normas? Para compreender essa dinâmica, é fundamental reconhecer a cidade como “um campo discursivo em permanente disputa” (Caron et al., 2020, p. 62). Quais discursividades atravessam o

cotidiano urbano sem serem amplificadas na trama da cidade? São narrativas negras que reverberam em nossos corpos, gestos, olhares e falas.

Para este texto, partimos da premissa da indissociabilidade entre a construção dos nossos corpos – enquanto sujeitas-mulheres e pesquisadoras³ – e as histórias de vida dos corpos negros que encontramos ao longo do caminho de pesquisar COM (Moraes, 2014). A experiência de pesquisar com mulheres negras evidencia que a luta negra, em especial a quilombola, não está apartada da realidade urbana que nos circunda. Foi nesse percurso, entre “andanças aquilombadas”, que nos aproximamos do Quilombo dos Flores, liderado por Geneci Flores em Porto Alegre. Este texto se desdobra entre vivências, memórias e as relações comunitárias

que esse território estabelece com a cidade.

A base da luta quilombola é a luta pelo direito à terra: embora a Constituição Federal de 1988 “garanta” o direito à terra quilombola, na prática, a emissão dos títulos não se concretiza. A morosidade desses processos impõe a esses territórios um estado constante de vulnerabilidade, submetendo suas comunidades a violências psicológicas, morais e físicas diante da iminência de despejos, remoções forçadas e ameaças à vida. A família Flores está no território há aproximadamente cinquenta anos, e o processo de titulação iniciou apenas em 2014. Ainda sem a segurança da terra em mãos, o quilombo enfrenta desafios constantes, como tentativas de apropriação do espaço e estigmatização da vizinhança. Após um episódio de esbulho possessório⁴ causado por uma

³ Aqui cabe sinalizar que este texto resulta da dissertação “Oralituras das *lýalodès* na luta pela produção do espaço urbano quilombola em Porto Alegre”, cujo processo se desenvolveu entre 2022 e 2024 no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS. A aliança entre nós, orientanda e orientadora, foi forjada pela diferença na cor da pele e, ao mesmo tempo, pelo mesmo entendimento sobre as exigências ético-políticas que se afiguram em pesquisas que buscam modos colaborativos e não extrativistas de fazer ciência. Neste sentido, as vivências no território quilombola foram

realizadas somente por Nathália, ainda que todo o processo tenha sido amplamente discutido durante as orientações da pesquisa.

⁴ Esbulho possessório é um termo jurídico que se refere à situação em que alguém é privado da posse de um bem ou propriedade de forma ilegítima, ou seja, é despojado da posse de um bem contra a sua vontade e sem a devida autorização legal. No caso das comunidades quilombolas, o termo é utilizado, principalmente, para referir-se a situações nas quais as comunidades são despejadas ou

instituição de educação privada vizinha, que usurpou e desconfigurou significativamente a área do terreno, as pessoas que habitam o quilombo uniram esforços com outras comunidades e movimentos sociais, que enfrentam desafios semelhantes relacionados ao direito à terra, para continuar no território.

Nêgo Bispo (2023), líder quilombola, ensina-nos que a terra não nos pertence: somos nós que pertencemos a ela. Entendemos com Bispo a diferença entre o “bem viver” e o “viver bem”. Enquanto o “bem viver” se refere ao saber orgânico da vida, relacionado ao envolvimento com o ser e à valorização da coletividade, impulsionada pelo aquilombamento, o “viver bem” está relacionado ao conhecimento sintético, que valoriza a posse material e o capital. Geneci Flores⁵, atual liderança do Quilombo dos Flores, faz eco às palavras de Nêgo Bispo quando diz que o território dos Flores é seu próprio umbigo, um espaço de valor ancestral. Um território que, atualmente, se estende para além da demarcação, subvertendo a lógica

privada de cidade para algo mais profundo, voltado para o uso comunitário.

Além da falta de coletividade, na perspectiva colonial, temos também a falta de envolvimento com aquilo que não é concreto, o que não está escrito ou não está visto. Durante a experiência de pesquisar COM (Moraes, 2014), entendemos que, diferente das narrativas ocidentais que privilegiam a linguagem discursiva escrita, os povos africanos têm a ancestralidade relacionada a todas as suas práticas sociais. Não dependem somente da linguagem escrita como modo de transmissão de conhecimento, mas têm como cerne a inscrição das grafias performadas pelo corpo e pela oralidade (Martins, 2021; Bispo dos Santos, 2023).

Este texto tem a intenção de discutir os caminhos percorridos durante uma experiência de pesquisa com Geneci Flores, refletindo sobre como a narrativa enquanto abordagem metodológica contribui para a compreensão e valorização das práticas coletivas, da resistência

sofrem alguma ação sobre a terra de forma ilegal ou injusta.

⁵ Geneci Flores autorizou o uso de voz e imagem no corpo do presente texto.

quilombola e das práticas de cuidado que emergem nesses territórios urbanos. Por meio da narrativa e da oralidade, buscamos também apontar para a potência dessas metodologias no contexto acadêmico relacionado aos estudos urbanos, uma vez que acionam um tipo de produção do conhecimento que se dá a partir das experiências vividas com comunidades quilombolas, em uma relação dialógica que reconhece a diferença em suas diferentes dimensões.

Corpo, memória e narrativa

Nosso conhecimento é moldado pelas histórias que ouvimos. Quanto maior for a quantidade, os encantamentos (Simas, 2019) e os redizeres (Cabral et al., 2021)⁶ dessas histórias, mais completa se torna a nossa compreensão sobre a vida, além da construção de memórias e de saberes. A escrita, um instrumento de inscrição da memória, é considerada o modo de expressão mais valorizado do Ocidente. Nessa linha de raciocínio,

segundo Leda Martins (2021), os meios de conhecimento e de preservação da memória, disseminados pela hegemonia ocidental, concentram-se em livros, museus e documentos escritos. Com ênfase em um único modo de transmissão do saber, são elaboradas estratégias de exclusão e apagamento dos saberes de outros povos, que privilegiam outras formas de expansão e fixação de conhecimento, que para os europeus, eram “considerados hereges e indesejáveis” (Martins, 2021, p.34).

Em resposta a essas tentativas de apagamento do povo negro, Chimamanda Ngozi Adichie (2019) chama a atenção para o “perigo da história única”, alertando para os riscos que surgem quando acreditamos em narrativas influenciadas pelo princípio de *nkali*, um substantivo africano que significa “ser maior do que o outro”. Esses dizeres, a partir de lugares de poder, na maioria das vezes, não refletem a realidade de um povo em sua complexidade.

⁶ Neste texto de Ana Cabral Rodrigues, em conjunto com outras coautorias o redizer nos remete a uma operação tecida por “diferentes linguagens, superfícies, temporalidades: enquanto rasura e resto; enquanto recusa a um reencontro com um mesmo e rastros dos não-ditos, entreditos, do sem-nome (GPMC, 2018);

enquanto abertura, incompletude, um ‘sempre por se fazer’ e também jogo palavrório, como uma parlenda ou perlenga que nos inscreve (corpos e dizeres) tanto em travessias e travessuras das palavras, quanto em suas disputas.” (2021, p. 119).

[...] comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos [...] comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente (Adichie, 2019, p. 23).

Apesar de todas as formas de repressão e de demonização de outras culturas, disseminadas pelo colonialismo, por meio de um *continuum* (Nascimento, 2021) de resistências, a memória e as histórias vinculadas ao corpo negro não são estáticas, elas atualizam-se em uma série de práticas corporais e ritualísticas (Touam Bona, 2020). Ao longo de um tempo que elegeu contarse pela perspectiva colonialista, essas práticas garantiram a sobrevivência de uma corporificação de memória e de saberes, que resistiram ao domínio colonial, “seja por camuflagem, por sua transformação, seja por inúmeros modos de recriação” (Martins, 2021, p. 35).

Os conhecimentos trazidos oralmente são importantes para a elaboração epistêmica africana, na qual a oralidade é dominante, mas não é exclusiva no campo do conhecimento cultural, pois o corpo também assume

um lugar importante. Nessa via de raciocínio, Leda Martins traz o sentido da palavra oralitizada, que “se inscreve no corpo e em suas escansões. E produz conhecimento.” (2021, p. 32). A poética que se forma entre um repertório oral e corporal constitui a oralitura enquanto linguagem e saber.

A oralitura vai além da transmissão pela fala, ela envolve aspectos performáticos, corporais, rítmicos e simbólicos fundamentais para a comunicação e a preservação da memória coletiva e afrodiáspórica. Ou seja, a oralitura não é apresentada somente pela palavra proferida, mas também por outros aspectos narrativos de composição dessa possibilidade de narrar, que está ligado à gestualidade, musicalidade, visualidade e sonoridades expressas pelo corpo.

A linguagem vindas das manifestações vocais e corporais reativa memórias do corpo, que se manifestam em práticas culturais e sociais, e que “oferecerão o antídoto à zumbificação escravista” (Touam Bona, 2021, p. 23). O corpo e a voz assumem um modo de expressão, empoderamento e transmissão de conhecimento, pois, através deles,

expressamos quem somos, o que nos move, o que nos forma, e também o que nos comprehende enquanto grupo e comunidade (*ibidem*, 2021).

Grafar o saber não era, então, sinônimo de domínio de um idioma escrito alfabeticamente. Grafar o saber era, sim, sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber encorpado, que encontrava nesse corpo em performance seu lugar de ambiente de inscrição. Dançava-se a palavra, cantava-se o gesto, em todo movimento ressoava uma coreografia de voz, uma partitura de dicção, uma pigmentação gratificada da pele, uma sonoridade de cores (Martins, 2021, p.36).

À margem de uma produção urbana contemporânea que continua a homogeneizar e a invisibilizar as expressividades negras, a mulher negra e quilombola atravessa padrões discriminatórios de um Estado que produz a mortificação da vida negra (Mbembe, 2018). Esses padrões disparam a necessidade de que elas adotem ações de empoderamento baseadas na ancestralidade, que amparam seus corpos conforme o contexto em que estão inseridos, seja ele urbano, político, comunitário, seja no território quilombola.

Diante da multiplicidade de agenciamentos urbanos, uns baseados no capital, outros na sobrevivência, é necessário compreender a realidade da cidade “como um campo discursivo em permanente disputa” (Caron et al., 2020, p. 62). Precisamos nos apoiar em elementos analíticos que nos permitam ver modos de existência, pessoas, comunidades e organizações que têm sido silenciadas. Para tal, o ato de escuta se torna um elemento basilar para compreender a complexidade urbana dos territórios, exigindo atenção ampliada às diferentes dimensões que constituem o ato de narrar.

Deste modo, em consonância com a perspectiva da oralitura, assumimos a narrativa como abordagem teórico-metodológica, buscando realizar um esforço crítico que abra passagem para as discursividades que foram e, ainda hoje, são deliberadamente aniquiladas pelas forças coloniais em permanente atualização. Entendemos o ato de narrar como um fazer conjunto que exige, sobretudo, um reposicionamento ético e político de quem pesquisa. E assim, sustentar alianças que evoquem projetos societários que se pautem pela ruptura de um regime discursivo que

instaura modos exploratórios, racistas e patriarcais de fazer cidade.

Na experiência de pesquisa com o Quilombo dos Flores, evocamos modos de narrar com mulheres negras para compreender os conflitos e as tensões provocadas pelo sistema mundo moderno-colonial (Quijano, 2005). Quando aliada à palavra oralitizada, expressa pelo corpo e pela voz como linguagem, a experiência de pesquisa abre passagem para memórias afrodiáspóricas como expressão da experiência, entendidas aqui como teoria de luta para os estudos urbanos (Caron et al., 2020).

Ao longo da pesquisa com estas mulheres, pudemos aprofundar a compreensão do processo de transmissão implicado na narrativa, acolhendo com a oralitura os gestos, ritmos, formas e sons inscritos no corpo, e que ressignificam as memórias e experiências negras. Na aproximação e convívio com essa oralidade, ancestral e ao mesmo tempo cotidiana,

evocada corporal e performaticamente, forjamos um tipo de pesquisa que busca lugar na experiência compartilhada das vivências com o quilombo.

Em correspondência com elas, as *iyálodès*

A escolha de uma experiência de pesquisa junto às *iyálodès*⁷ – mulheres do quilombo dos Flores – não estava clara desde sempre, tampouco tínhamos conhecimento sobre a potência delas como figuras de liderança. Essas definições foram emergindo por meio de um processo que não se encerra, que é cíclico e se repete ao longo de um continuum de vivências experienciadas durante o nosso pesquisarCOM (Moraes, 2014). A aproximação junto à comunidade exige uma postura de responsabilidade, que impossibilita separar a memória do nosso corpo das trocas vividas. Dada a intenção de não objetificar as pessoas com quem nos relacionamos durante a experiência de pesquisa, a preposição “com” assume

⁷ As comunidades negras têm o seu funcionamento a partir da mãe, da avó, da tia ou da matriarca, ocupando o eixo estruturante das relações. Portanto, para abranger essa significância, trazemos a simbologia da –

Ialodê, a forma brasileira para a palavra em iorubá – *iyálodè* ou *iyálóde* – figura de liderança política em regiões Iorubás na África, representando também a líder entre as mulheres.

uma contraposição totalmente diferente da locução “a partir de”.

A observação-participante (Ingold, 2016) torna-se uma possibilidade de trabalho coletivo, pois, diferente de um método de coleta de dados, ela assume um modo antropológico de trabalho, que significa ‘estudar com as pessoas’ e ‘não fazer estudos sobre elas’. A diferença está na intenção de não buscar soluções finais, mas outros caminhos nos quais as trocas podem acontecer.

Esse modo de trabalho se relaciona com a observação que vem de dentro. Observar, nesse sentido, não significa objetivar o outro; muito pelo contrário, é mediante um movimento de percepção atenta sobre o que acontece no entorno e sobre o que as pessoas envolvidas estão dizendo e fazendo. É olhar, escutar e participar e, assim, responder conforme a nossa prática e momentos da vida. Por essa razão, a observação-participante estabelece um modo de aprendizagem compartilhado.

Quando estamos no quilombo e com a comunidade, escolhemos viver “intencionalmente com os outros” (Ingold, 2016, p. 408), como parte do cotidiano da vida das pessoas

envolvidas, acionando uma prática de correspondência com a outra. O termo “correspondência” é utilizado para designar uma composição de movimentos que, à medida que se desenrolam, respondem concomitantemente uns aos outros. Desse modo, a observação-participante com a Geneci Flores, nas entrelínhas do cotidiano, acontece durante toda a experiência de pesquisa. Sem a intenção de um rumo ao fim preestabelecido, o processo e os “resultados” dependem das circunstâncias.

Para isso, é essencial acompanhar as comunidades e as lideranças em suas lutas cotidianas. Isso implicou estar disponível para apoio em questões administrativas e organizativas que eram relevantes para a comunidade, além do acompanhamento em eventuais demandas jurídicas, como audiências públicas ou movimentos de militância com outras comunidades quilombolas de Porto Alegre.

O vínculo e a atitude de estar em correspondência, sem a pretensão de gerar “resultados” de pesquisa, não significa perder o rigor ético do trabalho, ou que, de alguma forma,

possamos nos distanciar da problemática da proposta; ao invés disso, significa que estamos aliadas às pautas e às lutas da comunidade. A disposição para esse tipo de compartilhamento só nasce com a escuta ativa e com o tempo compartilhado.

Além do envolvimento com o cotidiano da comunidade em colaboração com a liderança do Quilombo dos Flores, Geneci Flores, houve encontros que se desenrolaram a partir de dispositivos geradores de relatos, fazendo emergir memórias e experiências de vida. A pergunta geradora (Caron, 2017) é um dispositivo e uma estratégia de trabalho utilizada regularmente em atividades do Grupo de Pesquisa Margem_Lab (PROPUR/UFRGS)⁸. Colocada como um dispositivo para provocar o relato, a pergunta busca fazer emergir situações do passado, do presente ou pretensões para o futuro. A pergunta não tem a função de ser respondida, mas

possibilita abrir caminhos para reflexões e conversas sobre as experiências de vida. Nesta pesquisa, a pergunta parte deste enunciado: Para você, quais são as táticas e estratégias de resistência do Quilombo dos Flores contra o racismo expresso no bairro Glória e/ou na cidade?

Sem seguir um cronograma pré-estabelecido sobre quais pessoas iriam participar das dinâmicas, os encontros ocorreram conforme os desdobramentos do envolvimento com o quilombo. A pergunta geradora foi realizada com cinco pessoas e, através dela, os relatos não seguiram um caminho comum, pois cada pessoa tem uma compreensão diferente sobre a problemática colocada pela pergunta.

Em um primeiro momento, o questionamento mostrou-se complexo e talvez um pouco inflexível para alguns, mas quando o contexto do trabalho é colocado junto às nossas vivências, à problemática e aos modos com que o racismo pode ser expresso

⁸ O grupo de pesquisa Margem_laboratório de Narrativas Urbanas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vem construindo uma produção do saber relacionado ao convívio e à experiência vivida, no qual a pessoa pesquisadora reconhece as exigências ético-

políticas de uma produção do conhecimento situada, compartilhando habilidades e recursos intelectuais com pessoas, comunidades e organizações que têm sido historicamente e sistematicamente estigmatizadas e/ou aniquiladas pelo sistema mundo moderno-colonial em permanente atualização.

na cidade, emergem diferentes situações e histórias. O dispositivo da pergunta permite criar uma relação dialógica com as pessoas participantes, fazendo emergir as diversas situações nas quais o racismo expresso na dinâmica da cidade pode se manifestar.

As vivências, provenientes de contextos, experiências e oportunidades diferentes, exigem que o ato de fabular uma pergunta geradora seja modificado a cada momento. Os modos de re-dizer são necessários para que também possamos ser entendidas.

A fala da faculdade serve para a faculdade, mas para comunidade, para vila, não serve. Porque a fala é diferente, a fala é doutorada. Agora o meu momento de fala, serve para a comunidade, mas também serve para a faculdade. Porque o pessoal da faculdade vai falar palavras que o pessoal da comunidade não vai entender. Agora o que eu falo, tanto na comunidade quanto na faculdade eles vão entender. Então, o quilombo também é uma escola. (Narradora Geneci Flores, 2024).

É nesse caminho de remodelações e adaptações que percebemos a inacessibilidade da linguagem acadêmica, trazendo-nos a necessidade de repensar o modo como

nos comunicamos. O que demonstra o quanto uma abordagem narrativa de pesquisa é importante para uma atenção continuada sobre modos de dizer sobre a vida, sobre a cidade, sobre o mundo. Isso também faz parte da aliança, pois a pergunta geradora é uma camada e uma experiência que também nos atinge enquanto pesquisadoras.

Através dos desdobramentos da pergunta, as pessoas envolvidas são convidadas a refletir e a narrar sobre o significado do quilombo e da comunidade para si, relacionando as mudanças no bairro que impactam na vivência em comunidade. Essa etapa fortalece a compreensão das relações comunitárias entre o quilombo, o bairro e as impressões individuais e coletivas.

Naquele contexto de convívio e de relatos, um muro de concreto e de altura aproximada de três metros, que divide o terreno da comunidade, aparece como um elemento significativo para o quilombo. Em razão do esbulho no território ocorrido em 2014, o muro foi construído contra a vontade do quilombo,

descaracterizando metade do território e resultando em uma série de traumas⁹.



Figura 1 – Intervenção no muro. Fonte: acervo pessoal.

O muro passa a caracterizar-se como um novo dispositivo a partir do qual seria possível aprofundar a reflexão sobre o modo como o quilombo vem sendo afetado pelas dinâmicas de produção urbanas racistas, tanto no contexto do entorno imediato como na cidade como um todo. Conforme sugestão de Geneci Flores, esta atividade com o muro foi vinculada a uma Festa de Natal com crianças do quilombo. Apesar do convívio com a comunidade e com as crianças, a realização de alguma atividade diretamente vinculada a elas não estava na linha de raciocínio da pesquisa. Diante desse desafio, a dinâmica da pergunta geradora foi

repensada para que houvesse um envolvimento espontâneo com o muro no sentido metodológico.

Com a participação de quinze crianças, entre 4 e 14 anos de idade, adotamos uma estratégia de intervenção no muro, buscando a expressão das crianças por meio do desenho com tinta, spray, pincel e o corpo, de um modo que a pintura pudesse ser confortável para cada uma delas. A pergunta geradora deslocou-se, então, de uma formulação mais rígida para indagações mais flexíveis que pudessem fazer emergir situações, lembranças ou pessoas vinculadas ao quilombo como espaço da cotidianidade: – Quando vocês estão no Quilombo, o que vocês têm? O que veem? O que fazem? E o que gostam?



Figura 2 – Intervenção no muro. Fonte: acervo pessoal.

⁹ O muro foi construído pela instituição de educação privada que ocupou área utilizada há anos pelo Quilombo dos Flores.

A pergunta deixou de ser uma formulação da fala/escuta e acolhe o corpo, o gesto, a cor e o brincar: o resultado foi surpreendente. A maioria das crianças frequenta o quilombo por meio de atividades culturais realizadas ao longo do ano, enquanto outras têm um vínculo mais cotidiano e familiar. As crianças também apresentaram experiências e percepções diferentes sobre as vivências no espaço, dando passagem a pistas que se relacionam com as entrelinhas teóricas da pesquisa e os relatos já produzidos pelas dinâmicas anteriores com pessoas adultas.



Figura 3 – “Amo quilombo”. Fonte: acervo pessoal.

É por meio de atividades como estas que emergem memórias e vivências dificilmente apreensíveis em modos de pesquisa tradicional e distanciados do cotidiano, sobretudo quando não acolhem as subjetividades

que participam ativamente do pensar/fazer cidade. Pela escuta ativa, a teoria e a prática se relacionam e, sem a intenção de apartá-las, reconhecemos que, para além de ser uma abordagem pertinente aos estudos e práticas urbanas, a perspectiva da narrativa na pesquisa nos exige presença e abertura, em um revezamento da palavra que nunca se encerra.

Movimento de aproximação

Localizado no bairro Glória em Porto Alegre, o Quilombo dos Flores ocupa o território desde 1975, quando Rosalina da Costa Vasconcelos, a matriarca da comunidade, mudou-se da Estrada dos Alpes, próxima ao Quilombo dos Alpes, para o território, resultado da união com Adão Vasconcelos.

No entanto, segundo o Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre (2022), os primeiros registros sobre o território datam de 1848, quando a área funcionava como uma sesmaria e pessoas escravizadas trabalhavam no entorno. Resultado da disputa pela terra, uma série de conflitos está relacionada ao local. A comunidade iniciou as reivindicações territoriais na

década de 1980, quando ainda não existia legislação para atender às demandas das comunidades quilombolas, e o pedido de usucapião era a única alternativa.



Figura 4 – Localização em Porto Alegre e acesso do Quilombo dos Flores. Fonte: acervo pessoal.

Mas, desde 2014, o principal conflito tem sido a disputa judicial contra a Fundação Marista – Unidade Assunção – instituição cristã localizada ao lado do quilombo. Mesmo sem registro da propriedade, em 2015, a instituição apropriou-se de parte da área de usufruto da comunidade para construir um estacionamento. Como resultado, na tentativa de forçar a remoção dos moradores, o muro foi construído, sendo este um grande marco e trauma nas narrativas da comunidade. Embora nenhuma família tenha sido removida, o muro

desconfigurou toda a dinâmica do território.

Da união de Adão e Rosalina, já falecidos, formaram-se cerca de 48 famílias, ainda que, atualmente, somente a família de Geneci, composta por ela e seus três filhos, esteja na área. O principal desejo da família é a titulação definitiva da terra e a derrubada do muro, para que também outras pessoas da família Flores possam retornar ao território, ocupado há mais de 40 anos.

Além de ser uma liderança política, Geneci é a referência para a família, pois ser ela quem está à frente de todas as demandas da comunidade. Ela tem participado ativamente na militância junto aos movimentos sociais, além de estar envolvida em diversos projetos de desenvolvimento social do bairro.

O vínculo com a comunidade dos Flores iniciou durante o movimento que chamamos de “mapeamento corpo a corpo”. Em junho de 2023, iniciaram-se os envolvimentos com os principais grupos dedicados à temática social e quilombola em Porto Alegre, paralelamente com as atividades com o

grupo de pesquisa Margem_lab¹⁰. Há também o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Geografia e Ambiente (NEGA), vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O núcleo, coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Zeferino, desempenha um papel importante em atividades relacionadas a todos os quilombos da capital. Além disso, o NEGA é responsável pelo Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre (2022), lançado em novembro de 2023, que apresenta diversas perspectivas de compreensão e de dinâmicas territoriais quilombolas na cidade, permeando questões teóricas e metodológicas, entendidas como “epistemologias quilombolas”.

Após o mapeamento corpo a corpo e como resultado dele, foi possível estar presente semanalmente no território dos Flores, por meio do projeto de curso pré-vestibular popular denominado “Educação Popular Quilombola”. O projeto iniciou em junho de 2023, com a realização de aulas

semanais, às quartas-feiras, no período noturno. Nesse momento, com a autorização da Geneci Flores, o projeto foi submetido ao comitê de ética e iniciamos algumas atividades junto ao NEGA, à medida que os dias passavam outros eventos eram sobrepostos, atividades e projetos sociais vinculados ao quilombo e principalmente a esta liderança.

Um projeto importante foi o projeto Afefé Sise – criações em performance Afro, por exemplo, que ocupou dois meses da vivência com o território e está relacionado à dança, samba e performance. As atividades do projeto ocorriam aos sábados, com aulas de dança afro e rodas de samba, marcando significativamente a importância cultural do quilombo no bairro.

Posteriormente, abriu-se como vivência para a pesquisa as visitas ao projeto social Geração Tigres, onde Geneci Flores é voluntária como instrutora de futebol, apoiando crianças de 6 a 15 anos de idade. As atividades

¹⁰ O Margem_lab, laboratório de narrativas urbanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, busca convocar modos de pesquisar o urbano capazes de acolher as práticas e as narrativas instauradas a partir de

confrontos, perturbações, conflitos, desvios e diferenças diante das heterogeneidades que compõem a cidade. O vínculo com o grupo de pesquisa foi essencial para o amadurecimento do movimento de pesquisar-com.

ocorrem aos sábados, no período da manhã. Durante as “andanças” com a Geneci, principalmente aquelas relacionadas à comunidade do bairro, pudemos observar claramente uma rede de apoio, composta por mulheres, algumas das quais ela considera suas irmãs.

Na tecitura dessa rede de apoio, revelam-se algumas pistas sobre a rede comunitária formada no bairro, especialmente aquelas que evidenciam a presença das mulheres na linha de frente. Muitas das mulheres que cruzaram esta experiência de pesquisa não residem no território dos Flores, mas desempenham papéis de liderança em seus núcleos familiares e comunitários. Entre elas, fortalecem-se as dinâmicas de valor comunitário e matriarcal.

Todas as atividades sociais relacionadas ao quilombo e aos morros adjacentes são lideradas por grupos de mulheres – as *iyálodès* de seus territórios. Mediante um movimento de aquilombamento e empoderamento que atinge outras mulheres ao redor, essas líderes estão interconectadas. Elas encontram-se sob um ponto em comum, relacionado à luta pela moradia digna, pela educação e pela

cultura de suas comunidades. Desse modo, vista a relevância e presença dessas mulheres na comunidade, a pergunta geradora se desenvolve entre os seus relatos, histórias e vivências.

Considerações finais

No decorrer do trabalho, à medida que as relações e a aproximação do tema aconteciam, algumas linhas de conexão foram se delineando. Uma delas consistiu na construção de um caminho metodológico que permitisse um trabalho construído coletivamente. Nesse sentido, partindo do movimento de pesquisar COM com as *iyálodès* e da narrativa como abordagem teórico metodológica – por se tratar de uma experiência com o corpo da mulher negra como elemento basilar na discussão sobre a produção de cidade – fez-se necessário a apropriação de referenciais teóricos que falam sobre a experiência negra diaspórica.

Os conhecimentos trazidos pela tradição oral são importantes para a elaboração epistêmica africana. Nos apropriamos, então, da oralitura (Martins, 2021) como linguagem, relacionada à memória, ao corpo e à voz da corporeidade afrodiáspórica,

para abranger o processo de narração quilombola durante as vivências compartilhadas da pesquisa. Nesse contexto, a narrativa nos coloca em uma posição de relação com o campo que impossibilita a separação entre nossa vida e a comunidade. A partir de um movimento de correspondência com elas, a observação participante (Ingold, 2016) entra em jogo a fim de que a experiência seja construída colaborativamente, onde as atividades possam ser pensadas em conjunto.

Conforme a relação de correspondência com a comunidade acontecia, entendemos que só é possível desenvolver um estudo sobre o direito ao território quilombola a partir da convivência com o povo quilombola. O quilombo, nesse contexto, não se restringe a um espaço geograficamente delimitado, mas se manifesta como um movimento contínuo de resistência e produção coletiva da cidade. Sua existência desafia a lógica da propriedade privada e reafirma a territorialidade negra como um direito ancestral e um modo de vida baseado na coletividade.

A presença e atuação da Geneci Flores não garante somente a permanência da comunidade no

território, mas também fortalece vínculos, promove a transmissão de saberes e articula estratégias de enfrentamento ao racismo estrutural. Foi nesse percurso que se tornou evidente que a luta quilombola não se restringe à titulação da terra, mas envolve também a construção de um espaço vivo, dinâmico e vinculado à memória e aos afetos.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BITENCOURT Lara Machado; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra 1, 2021. Disponível em: https://issuu.com/editora_letra1/docs/atlas-volume1. Acesso em: 23 nov. 2022.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A Terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da terra. In: CARNEVALLI, Filipe;

REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (Org.). *Terra: antologia afroindígena*. São Paulo/ Belo Horizonte: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023, p. 08-17.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1988.

RODRIGUES, Ana Cabral; TAVARES, Alice; NASCIMENTO, Luiza; ANDRADE, Livia; SOUZA, Eliana; BRANDÃO, Gerson; SOARES, Jessica; NUNES, Beatriz; MASSA, Mariana; ALMEIDA, Isadora; RIBEIRO, Anderson. Oficinas de montagem: construções metodológicas e experimentações estéticas em direito à cidade. In: SIGETTE, Elaine; ESTEVEZ, Alejandra.; DIAS, Rafael. (org.). *Experiências e lutas por direitos humanos no Sul Fluminense*. 1ed.: Observatório de Direitos Humanos do Sul Fluminense, 2021, p. 117-144.

CARON, Daniele et al. Visibilizar as Narrativas de Rua: a dimensão pública da paisagem de Porto Alegre em questão. In: *Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*,

2019, Natal. Anais XVIII ENANPUR 2019. Natal: EDUFRN, 2019.

CARON, Daniele et al. Narrativas à margem: deslocar epistemes para uma metodologia do comum. *VIRUS*, São Carlos, n. 20, 2020. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=7&lang=en>. Acesso em: 29 set. 2022.

CARON, Daniele. *El estudio del paisaje como clave interpretativa del territorio a través de las narrativas para la planificación urbana y territorial*. 2017. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Departamento de Urbanismo y Ordenación del Territorio, Universidad Politécnica de Cataluña, Barcelona, Cataluña, 2017.

DEALDINA, Selma dos Santos (org.). *Mulheres Quilombolas: Territórios de Existências Negras Femininas*. São Paulo: Jandaíra, 2020.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, v.39, n.3. p. 404-4011, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faculty/article/view/21690>. Acesso em: 23 out. 2025.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica, Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. (organização Alex Ratts). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodiáspora*, nº 6-7, Rio de Janeiro, IPEAFRO, 1985, p. 41–49.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

TOUAM BONA, Dénètem. *Cosmopoética do refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

TOUAM BONA, Dénètem. Arte da Fuga. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n.15, p. 18-27, 2021. Disponível em:

<https://piseagrama.org/artigos/arte-da-fuga/>. Acesso em: 23 out. 2025.